



MANO NA CONTRAMÃO DO BOM SENSO

CARLOS EDUARDO
BRECHANI

MAQUINARIA
NA CONTRAMÃO
DA
REFORMA
DO BOM SENSO
CONSERVADOR

CARLOS EDUARDO
BRECHANI

maquinaria
EDITORIAL



BURKE
INSTITUTO CONSERVADOR

SUMÁRIO

Prefácio	10
Introdução	15

PARTE I

Como o marxismo corrompeu os valores ocidentais	19
--	-----------

CAPÍTULO 1

Karl Marx: influências filosóficas	20
O materialismo filosófico	23
A filosofia clássica alemã	26
A economia política inglesa	29
O socialismo utópico francês	31

CAPÍTULO 2

A doutrina marxista	35
O materialismo histórico marxista	36
A dialética marxista	41
O socialismo científico marxista	46
A economia política marxista	48
O materialismo histórico, dialético, socialista e econômico marxista	51
A revolução socialista	60
A sociedade comunista	67

CAPÍTULO 3

O marxismo dogmático em decadência	71
O desastre comunista na prática	81

A revolução na Rússia	81
A revolução na China	94
A revolução no Camboja	101
A revolução em Cuba	107
Avaliação das experiências práticas	109
Os marxistas diante das falhas teóricas e dos desastres práticos	113
A crise da ortodoxia	118
CAPÍTULO 4	
O marxismo ocidental	122
Karl Korsch	122
György Lukács	125
Antonio Gramsci	130
CAPÍTULO 5	
A Escola de Frankfurt	151
História	152
A Teoria Crítica	156
A primeira geração da Escola de Frankfurt	165
Max Horkheimer	166
Theodor Adorno	168
Herbert Marcuse	171
Walter Benjamin	182
Erich Fromm	185
A segunda geração da Escola de Frankfurt	191
Jürgen Habermas	191
A Escola de Frankfurt e o marxismo	196
A herança da Escola de Frankfurt	202

PARTE II

Por que as ideias do marxismo permanecem influenciando a atual geração	207
CAPÍTULO 6	
A moral comunista	208
CAPÍTULO 7	
A propaganda marxista	216
A propaganda	217
CAPÍTULO 8	
A desinformação	228
A desinformação soviética	232
A arte comunista de criar demônios	239
A arte comunista de criar santos	242
Efeitos da desinformação	260
CAPÍTULO 9	
Imposturas intelectuais	270
Modalidades	272
Paralaxe cognitiva	274
CAPÍTULO 10	
A sacralização do marxismo	278
O marxismo como religião secular	279
O teísmo cristão (acidental) de Marx	292
Conclusão	304
Bibliografia	310

PREFÁCIO

De acordo com as previsões mais otimistas, o comunismo matou cerca de 100 milhões de pessoas, em tempos de paz, dos seus próprios cidadãos. Isso quer dizer que a própria organização estatal realizou um massacre nunca antes imaginado na história da humanidade de pessoas comuns, como eu e você, caro leitor, em nome de uma ideia, de um abstrato sentimento de um futuro paradisíaco na Terra.

Mas como isso foi possível? O que levou a humanidade a criar um conjunto de ideias tão genocidas, tão violentas e absurdamente sem sentido, que pudesse guiar a política ao extermínio de seus próprios cidadãos? Buscar as raízes do mal nunca será fácil, até porque ele se esconde e tem a esperteza de fingir que não existe. Compreender a própria essência do marxismo não é uma tarefa plausível para apenas um livro, quicá um prefácio, mas o reconhecimento e a identificação do problema sugerem os primeiros passos à solução.

A quantidade de pesquisa, fontes e informações dispostas neste livro soma-se à sistematização das diversas contribuições lavradas pelos teóricos marxistas e constituem uma obra de imenso valor pedagógico. Livros e mais livros foram condensados para que o leitor tire as suas próprias conclusões de como ocorreu esse processo social no qual estamos mergulhados, onde ainda há espaço para crenças absurdas, com consequências nefastas, que infestam a nossa cultura e a própria civilização ocidental. Logo nas primeiras páginas, Brechani já mostra a que veio: a exposição clara e direta dos absurdos promovidos pela ideologia marxista, motivo e desculpa para as ações revolucionárias mais misantrópicas conhecidas pela humanidade.

Explicando a filosofia materialista, além do idealismo, da Grécia antiga, ele passa pelo empirismo e o racionalismo dos séculos XVII e XVIII, trazendo-os como releituras do antigo materialismo e idealismo, respectivamente. A partir desse *insight*, mostra a visão quase autofágica da história, conforme sugere o paradigma hegeliano. Sempre com muitas citações, o que transforma este livro num ótimo referencial de pesquisa, demonstra como Marx bebeu da fonte hegeliana e transformou-se no criador dessa ignomínia chamada filosofia

materialista histórico-dialética. Explicando os passos tomados, demonstra como Marx, então com Engels, chegou à seguinte proposição: “logo, e de acordo com a nossa concepção, todos os conflitos da história têm a sua origem na contradição entre as forças produtivas e o modo de trocas”.

Adicionalmente, o livro apresenta detalhes das inomináveis atrocidades cometidas pelas revoluções socialistas — Rússia, China, Camboja e Cuba — e, tendo o desastre humanitário como consequência — milhões de mortos, fome e agonia —, finalmente alguns pararam para refletir e questionar: será que há algo de errado com essas ideias perfeitas e maravilhosas que desafiam a realidade na busca de um paraíso na Terra?

Alguns atores desta comédia trágica serão citados na obra.

Theodor Adorno, com formação musical elitista, trouxe abordagem mais estética à Teoria Crítica para censurar a reificação e o fetichismo da sociedade, onde se vive para consumir e a qualidade dos bens culturais é determinada pela quantidade de pessoas que a consomem. Quase a totalidade da produção intelectual bebe dessa fonte, resumindo o homem comum a um bruto que não possui refinamento suficiente para entender o quanto o marxismo é bom para ele.

Herbert Marcuse, autor do famoso *Eros e civilização*, promoveu uma libertinagem sem limites à sociedade, cuja ideia repousa em que todos os impulsos sexuais teriam sido reprimidos apenas para que os indivíduos trabalhassem melhor. Com as suas teorias, justificou a perdição, a ausência de modéstia e a castidade como meros frutos da atividade alienante de uma sociedade de consumo reificada e submissa.

Walter Benjamin, outro *playboy* de vida desregrada, que teve participações esporádicas, utiliza o marcuseano conceito do Homem Unidimensional, inadvertidamente limitado pelas suas necessidades materiais. Usando preciosismos vernaculares, afirma que o mal do mundo decorre do fato de que o homem não é livre o suficiente para cometer o mal, inclusive a si mesmo.

Já Erich Fromm, especialista em psicanálise, trouxe estofos intelectuais (alguns chamariam hoje de “lastro”), para justificar a influência econômica diante da psique humana. Afinal, para essa escola, o ser humano poderia ser tudo, caso não fosse limitado por suas condições econômicas e materiais.

Raymond Geuss, na obra *Teoria Crítica*, resume: “os membros da Escola de

Frankfurt estão, em geral, profundamente comprometidos com o princípio da ‘negatividade’. Dado o mal radical do mundo, qualquer forma de afirmação, mesmo do tipo artístico ou utópico altamente mediado, poderia ser equivalente à cumplicidade. A única via é o criticismo incansável do presente”.

Jürgen Habermas já faz parte da chamada segunda geração da Escola de Frankfurt. Tentando superar o pessimismo de Horkheimer e Adorno, sem participar dos devaneios de Marcuse, buscou uma racionalidade instrumental. Denominando-a Razão Comunicativa, Habermas estabeleceu a estratégia de persuasão como tecnologia política, fazendo dos homens seres passíveis de serem convencidos dos postulados trazidos pela Teoria Crítica.

Claro que tudo isso é um resumo inicial à guisa de apresentação, mas demonstra a relevância da pesquisa produzida neste livro. Nada acontece por acaso e as razões devem ser buscadas em cada ação social humana que pretenda impor seu poder perante os outros indivíduos. Para os marxistas, as ideias revolucionárias precisam circular, pois quanto mais incautos sorverem desse chorume azedo, mais partidários de “um mundo paradisíaco” teremos. E, como já sabido, sem ação humana não há resultados sociais.

Consequentemente, a propaganda mundial, minuciosamente planejada pelo Comintern desde 1928, busca aliciar os indivíduos com promessas impossíveis; promover insatisfações normais da vida humana; e cooptar partidários, ampliando a esfera de influência revolucionária, tendo como estratégia fundamental despertar o interesse pelo literalmente diabólico “mundo perfeito”, que só existe nas cabeças irresponsáveis dos que fomentam o mal em nome do bem.

A desinformação, arma essencial da estratégia revolucionária, tem o enquadramento como forma de destruir a história de um indivíduo, quiçá de uma nação. O livro também aborda a Vila de Potemkin, técnica para exagerar vitórias e atenuar derrotas ou condições desfavoráveis, fazendo da inteligência estratégica um instrumento de mentira e dominação. Afinal, quantas pessoas que proclamam “eu amo o Che” (um assassino covarde, racista e homofóbico) você conhece?

Por fim, o autor conclui com o aspecto religioso do marxismo — basta ver os marxistas fanáticos para não ter dúvidas de que este se trata de falsa, materialista e secular religião —, com as palavras de Vladimir Tismăneanu, no *Do comunismo, o destino de uma religião política*: “essa pretensão profética

conduziu à crença fanática, quase mística dos adeptos, que abraçaram a visão apocalíptica, quiliástica da matemática revolucionária do comunismo. Assim, o comunismo era, ao mesmo tempo, uma escatologia (uma doutrina de salvação da humanidade) e uma eclesiologia (uma ideologia do partido/do movimento revolucionário)”.

Melhor exposto por Roger Scruton: “antes de examinar este programa revolucionário, no entanto, devemos observar um aspecto importante da definição supracitada. Ela é, na verdade, a combinação de obviedades inúteis (‘estes prognósticos podem mostrar-se corretos ou incorretos’) e saltos de pensamento radicais e injustificados. O que começa como ‘ação instrumental’, de repente se transforma em ‘escolha racional’ que, por sua vez, assume a forma de ‘regras técnicas’, fundadas no ‘conhecimento empírico.’” Boa leitura!

Dr. Maurício Marques Canto Junior

INTRODUÇÃO

São usuais e rotineiras, nos dias de hoje, as conversas sobre o atual estado moral da sociedade brasileira. Saudosos da cultura do passado, muitos tecem comentários sobre o estado deturpado dos costumes modernos: cenas de cruel violência compõem o núcleo do noticiário escrito e televisivo; a sexualidade explícita inunda as telenovelas, o teatro e o cinema; a beleza é extirpada das obras artísticas; o modelo de família tradicional é ridicularizado; as escolas ocupam-se de doutrinar crianças acerca do gênero. O que aconteceu com os mais fundamentais princípios morais da humanidade? É esse o questionamento diuturnamente feito por aqueles que, ainda não alienados, porém indoutos e inertes, testemunham espantados a absoluta relativização dos valores que, por séculos, senão milênios, sustentaram a civilização mundial.

A corrupção moral não é acidental. Não é mero fruto do acaso, da evolução natural do homem e tampouco do aperfeiçoamento das relações sociais. Trata-se, em vertente diametralmente oposta, de uma atividade ideológica deliberada, reiterada e constante, diretamente direcionada à destruição das colunas da civilização ocidental, especialmente da cultura judaico-cristã, da herança social e jurídica romana e da filosofia clássica grega. Ela está compreendida no contexto maior e mais amplo de um golpe que nos é silenciosamente imposto.

Após a Primeira Guerra Mundial, quando as profecias de Karl Marx e Friedrich Engels sobre a inevitável extinção do capitalismo e acerca do necessário advento do comunismo foram definitivamente sepultadas, o marxismo ortodoxo entrou em crise. Para salvá-lo, uma linha revisionista foi gestada: resgatando a fonte filosófica hegeliana, novos teóricos passaram a advogar o estratagema de uma insurreição pacífica, através da infiltração dissimulada no corpo social de conceitos destrutivos daqueles sustentáculos da civilização ocidental. Quando todos seus vestígios fossem implodidos, assistir-se-ia ao cataclismo do sistema posto e, então, seria finalmente possível a implantação do regime comunista. Abandonou-se, destarte, a ideia de uma revolução armada que permitiria a tomada de poder por parte do proletariado.

Essa “revolução cultural” vem ocorrendo, silenciosamente, principalmente após

a década de 1960. Desde então a história nacional tem assistido a uma demasiada relativização de valores éticos, que passaram a ser zombados e deixados à margem da sociedade.

A relativização alcançou um nível kafkiano, consolidando a impressão de que qualquer juízo ético seria subjetivo, de que a concepção de “bem” ou “mal” e de “certo” ou “errado” variaria de acordo com a consciência íntima de cada ser humano. Nessa ótica, nenhuma opinião acerca de qualquer norma de conduta poderia ser considerada como mais nobre do que a comungada por outra pessoa. Firmou-se a convicção de que não existe um padrão universal de amor, amizade, justiça e fraternidade.

Nesse contexto, nasceu a ideia de rascunhar breves linhas, para lançar atenção à maquinação ideológica cultural a que somos diariamente submetidos, uma vez que, apenas com a dissipação do véu ilusório que tapa a visão e a consciência dos brasileiros, há várias décadas, será possível resistir a tão nefasta doutrinação comunista, que vem sendo engendrada pela propaganda e desinformação promovidas pelos seus adeptos.

Em última análise, pretende-se provar que, “sob qualquer aspecto que se examine, o socialismo não é, de maneira alguma, uma ideia decente, que se possa discutir tranquilamente como alternativa viável para um país, ou que se possa, sem crime de pedofilia intelectual, incutir em crianças nas escolas. É uma doutrina hedionda, macabra, nem um pouco melhor que a ideologia nazista, e que, para cúmulo de cinismo, ainda ousa falar grosso, em nome da moral, quando condena os excessos e violências, incomparavelmente menores, que seus adversários cometeram no afã de deter sua marcha homicida de devoradora de povos e continentes”¹.

O mais triste é constatar que várias pessoas, inclusive profissionais que militam em áreas fundamentais para o bom desenvolvimento da sociedade, declaram-se marxistas sem nem mesmo saberem o que isso de fato significa.

Depois de mais de cem anos da primeira experiência social-comunista no mundo, seria uma presunção por demais exagerada imaginar que haveria algo de novo a ser escrito acerca dos marxismos ortodoxo e ocidental. Estudiosos mais competentes e melhor preparados já se debruçaram na análise crítica desses movimentos. A proposta, portanto, é meramente sistematizar, em um só ambiente, algumas das

¹ Carvalho, Olavo de. *O Mínimo que Você Precisa Saber para Não Ser um Idiota*. São Paulo: Editora Record, 2015. 18ª edição, p. 125.

diversas contribuições já redigidas por esses teóricos. Por isso, o estudo é despidido de qualquer pretensão filosófica ou pedagógica.

O conteúdo foi estruturado em duas grandes partes: a primeira compreende a incursão no comunismo ortodoxo e no marxismo cultural, com o objetivo fundamental de demonstrar como foi concebida e criada a estratégia de corrupção dos valores ocidentais, bem como ela hodiernamente opera; na segunda parte, a redação é dedicada ao porquê de as ideias negativas do comunismo permanecerem influenciando a atual geração, embora de modo sorrateiro e mascarado.

Há inúmeras citações nos capítulos que serão apresentados a seguir. Aquelas que foram lançadas no bojo do próprio texto são fundamentais para a assimilação plena do conteúdo. As demais, embora igualmente relevantes, por serem complementares, estão tipograficamente separadas, no rodapé das páginas, evitando que a leitura fosse embaraçada.

Várias das referências utilizadas pertencem a obras literárias que já estão sob domínio público. Nestes casos, optou-se por buscar os textos em sítios eletrônicos governamentais, preterindo-se os exemplares impressos, porque, assim, o leitor pode facilmente acessar o seu conteúdo para ampliar o conhecimento ou para certificar que a redação aqui lançada é idêntica ao conteúdo original.

PARTE I

Como o marxismo corrompeu
os valores ocidentais

CAPÍTULO 1

Karl Marx: influências filosóficas

Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818 na cidade de Trier, Renânia, oeste da Alemanha. Filho do casal de judeus Hirschel Marx² e Henriette Pressburg, o pretense advogado intentava seguir a profissão do pai, porém, derivou a carreira para a Filosofia. Conquistou uma legião enorme de fãs pelo mundo por ter, no entender dos seus devotos, inferido o vetor movimentador de toda a história e esboçado a fórmula definitiva para a paz e a harmonia mundiais.

Em que pese ser desmedida e desarrazoada a idolatria que lhe é consagrada, é de ser reconhecido que suas teses foram o sustentáculo de significativos episódios históricos, todos de triste lembrança. A Revolução Russa, a Revolução Comunista Chinesa, a Revolução do Khmer Vermelho, a Revolução Cubana e diversos outros movimentos de insurreição contra o capitalismo pela Europa e Ásia Oriental: todos gozam de inspiração marxista. Além disso, praticamente toda a Europa Oriental esteve um dia sob o manto de seus princípios teóricos, no período da dominação da União Soviética Stalinista. Por isso, conhecer as influências que levaram à formação do pensamento desse personagem e a sua própria doutrina é essencial para compreender a história da humanidade — afinal, um terço da população mundial já se viu sob os tentáculos de suas máximas filosóficas e sociológicas.

O pai de Marx teve brilhante carreira jurídica, alcançando o posto de Conselheiro da Justiça. Entre 1792 e 1793, a Renânia foi tomada pelos franceses como consequência das Guerras Revolucionárias. Em 1815, foi adquirida pela Prússia. Esse era o contexto histórico-social da família de Marx, que viveu os efeitos da convulsão política e social vigente.

Em 1835, quando ainda nutria o propósito de seguir a carreira jurídica do pai, Karl Marx foi para a Universidade de Bonn estudar jurisprudência e, em 1836,

² Posteriormente, quando de sua conversão ao Cristianismo, Hirschel alterou seu nome para Heinrich Marx.

transferiu-se para a Universidade de Berlim³. Então capital da Prússia, Berlim possuía uma população de cerca de quatrocentos mil habitantes e era centro de grande agitação intelectual. Os apaixonados por Política, Filosofia e Teologia reuniam-se em cafés para seus debates, formando o chamado “Clube dos Doutores”. As discussões giravam principalmente em torno das ideias que consubstanciavam a Filosofia Clássica Alemã, de raízes ancoradas especialmente em Hegel.

Os encontros representaram uma mudança radical na formação curricular de Marx, fazendo-o, em 1839, abandonar definitivamente o Direito e se dedicar à Filosofia, iniciando o doutorado na área. Karl Köppen que era provavelmente o seu mais próximo amigo nessa época, e, também, membro do “Clube dos Doutores”, possuía uma convicção materialista que o afetou diretamente⁴. Entre 1839 e 1841 Marx também se aproximou de Bruno Bauer, professor da Faculdade de Teologia de Berlim, que ficara famoso pela censura bíblica exposta principalmente nos livros “Crítica do Evangelho de João” e “Crítica dos Evangelhos Sinóticos”. Bauer era um ateu declarado que elaborava panfletos anticristãos, embora, anteriormente, tivesse sido um teólogo protestante ortodoxo. Ludwig Feuerbach, por fim, que fora aluno de Hegel e que escrevera “A Essência do Cristianismo”, foi outra personagem que esteve intimamente ligado ao seu pensamento ideológico⁵.

3 Foi na época da universidade que Marx ganhou o apelido de “Mouro”. “Mouro era o modo como Marx era chamado em família e pelos companheiros de luta mais próximos: ‘Jamais era chamado de Marx, tampouco de Karl, mas apenas Mouro, assim como cada um de nós tinha um apelido; onde terminavam os apelidos, terminava também a intimidade mais estreita. Mouro era seu apelido desde os tempos da universidade; e também na Nova Gazeta Renana foi sempre chamado assim. Se eu me dirigisse a ele de outro modo, ele certamente acreditaria haver algum mal-entendido a ser esclarecido’ (Friedrich Engels to Friedrich Theodor Cuno’, 29 de março de 1883, em MECW, v. 46, p. 466). A esse propósito, dois outros testemunhos valem ser citados, ambos de 1881. August Bebel escreveu: ‘A mulher e as filhas chamavam Marx sempre de ‘Mouro’, como se ele não tivesse outro nome. O apelido havia nascido por causa da cor negra dos cabelos e da barba, que agora, ao contrário do bigode, já estavam grisalhos’ (Hans Magnus Enzensberger [org.], Gespräche mit Marx und Engels, v. 2, Frankfurt, Insel, 1973, p. 528). Bernstein relatou: “Eu queria despedir-me, mas Engels insistiu: Não, não, venha você também à casa do Mouro.— À casa do Mouro? E quem é o Mouro? — Marx. E quem mais poderia ser? — replicou Engels — como se aquela fosse a coisa mais óbvia do mundo’ (ibidem, p. 418)” (in Musto, Marcelo, O Velho Marx, p. 97).

4 “A proximidade dos pontos de vista de Karl e Bauer durante esse período é atestada pelo prefácio da sua tese, no qual Karl declara seu ódio contra ‘todos os deuses celestes e terrenos que não reconheceram a autoconsciência humana como a mais alta divindade’ (Gareth Stedman Jones, Karl Marx, p. 115).

5 “Quando Marx estava na Universidade de Berlim, juntou-se a uma escola de esquerda de hegelianos, seguidores do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Naquele momento, toda a energia desse grupo era consumida pelo desejo de liquidar o cristianismo. David Friedrich Strauss havia publicado sua Vida de Jesus em 1835 e chocado toda a Alemanha com a afirmação de que os evangelhos não eram documentos históricos verdadeiros, mas sim meros mitos que ele cria se haverem desenvolvido a partir do imaginário comum entre cristãos primitivos. Um companheiro próximo de Marx, Bruno Bauer, escreveu sobre o mesmo tema em 1840, sob o título de Crítica Histórica dos Evangelhos Sinóticos. Nessa obra, o autor alegou que os evangelhos haviam sido forjados, que Jesus nunca havia existido e era uma figura ficcional e que, portanto, o cristianismo era uma fraude. A essa altura, Bauer e Marx resolveram criar coragem para publicar uma revista de ateísmo, mas o empreendimento não obteve patrocínio e morreu na gestação. Todavia, a campanha anticristã

Embora Marx tenha, posteriormente, criticado acidamente tanto Bauer como Feuerbach, não há dúvida que eles o aproximaram do materialismo filosófico — tanto que sua tese de doutorado, concluída na Universidade de Jena em 1841, discorria sobre as diferenças entre Demócrito e Epicuro, dois dos grandes filósofos gregos que proclamaram as máximas materialistas. O título da tese era “As Diferenças entre a Filosofia Natural de Demócrito e Epicuro”.

Outra linha filosófica que enraizou em sua mente foi o socialismo francês, que ele e Engels, posteriormente, denominaram de Socialismo Utópico Francês. Essa corrente de pensamento contou com muitos adeptos porque se atentava às condições dos empregados que, desde a Revolução Industrial Inglesa, trabalhavam até vinte horas por dia sem uma contraprestação razoável, vivendo, assim, em condição de extrema exploração e pobreza. Marx imergiu nessa filosofia, principalmente quando abandonou a Alemanha e instalou-se em Paris (1843-1845) e Bruxelas (1845-1848), em razão do agravamento dos conflitos decorrentes da Guerra Franco-Prussiana. Nessa ocasião, tanto o socialismo quanto o proletariado tomaram conta das atenções de Marx que, em suas obras, revelou a profunda crença de que o operário, corporificador do ideal de ser humano perfeito, era o único capaz de promover uma revolução que traria paz à Terra.

Estudando o proletariado e as relações econômico-sociais que o envolviam, Marx aprofundou-se na Economia Política Inglesa, escrevendo “Crítica da Economia Política”, em 1844⁶. Aqui habitam os seus ataques ao trabalho burguês, à propriedade privada e à mais-valia, ou seja, aos pontos básicos do capitalismo. Estas críticas estão condensadas principalmente no trabalho “O Capital”, festejado como seu livro de maior expressão.

No decorrer do texto acima alguns trechos foram destacados: o materialismo filosófico, a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo utópico francês.

ganhou outro eloquente protagonista, chamado Ludwig Feuerbach, que em 1841 publicou seu *Essência do Cristianismo*. Ele não apenas ridicularizava o cristianismo, mas também apresentava a tese de que o homem é a mais elevada forma de inteligência do universo. Esse exótico lampejo de especulação fascinou Marx, que já incluía a mesma ideia em sua tese de doutorado. Marx havia dito abruptamente que era necessário reconhecer como a mais alta das divindades a própria autoconsciência humana” (Skousen, W. Cleon. *O Comunista Exposto*. Desvendando o Comunismo e Restaurando a Liberdade. Campinas, SP. Vide Editorial, 2018, p. 54).

6 “Nove cadernos escritos no primeiro semestre de 1844 mostravam o primeiro envolvimento de Karl com a economia política. Ele tomou notas sobre o Tratado de economia política de Jean-Baptiste Say e seu Curso completo de economia política prática, textos básicos na França, bem como sobre A riqueza das nações, de Adam Smith, Princípios de economia política e tributação, de Ricardo, e a história da economia política de McCulloch, juntamente com as obras dos economistas e filósofos Skarbak, Destutt de Tracy e Boisguilbert” (Stedman Jones, Gareth. *Karl Marx*, p. 198).

Os realces foram propositais, porque um breve estudo de cada uma destas fontes teóricas do marxismo é essencial para compreender com clareza essa linha filosófica.

O MATERIALISMO FILOSÓFICO

Várias mentes na história da humanidade dedicaram-se ao estudo dos fenômenos naturais e, procurando compreendê-los, inquiriram suas origens e seus vetores norteadores. Assim é que uma linha de filósofos concluiu que a única coisa cuja existência poderíamos realmente comprovar seria a matéria. Essencialmente, todas as coisas seriam dela compostas e todos os fenômenos seriam decorrência das alterações do seu estado. Para essa corrente, portanto, não existiria espaço para o sobrenatural no mundo.

Em termos filosóficos, a conclusão estabelecida foi a de que, apesar da complexidade da natureza, os objetos, seres e fenômenos possuiriam uma existência em si mesmos, ou seja, um ser. Eles estariam presentes no mundo independentemente dos demais e sem que fosse necessário que um homem viesse a constatar a efetiva realidade ou não.

Sendo assim, deveria haver algo que os definisse intrinsecamente, ou seja, uma propriedade que lhes conferiria vida em si mesmos. Fincados nessa premissa, concluíram que deveria haver uma matéria-prima fundamental do Cosmos que lhes daria essa composição e nortearia todas as transformações. Tentaram identificá-la.

Tales, que nasceu e viveu em Mileto, na atual Turquia, foi um dos que empreendeu essa tarefa. Embora nada tenha sobrado de seus escritos, sabe-se, com base em menções a ele feitas por Aristóteles e por biógrafos posteriores, que ele detinha conhecimentos profundos de Astronomia e Geometria. No seu ponto de vista, a água seria o elemento fundamental.

Demócrito, por sua vez, sustentou que tudo no mundo seria composto por micropartículas indivisíveis e imutáveis, que denominou de átomo — palavra grega que indica algo que não pode ser cortado. Para ele, haveria um espaço vazio entre essas substâncias atômicas elementares, no qual elas se moveriam livremente, compondo novas disposições de formas.

Esses filósofos gregos pré-socráticos são dois exemplos de linhas materialistas para a explicação da realidade: tudo se resumiria à matéria, ao natural.

O materialismo, enfim, é a doutrina que considera o mundo como um todo material, sendo tudo explicado a partir da matéria, recusando qualquer tendência ao espírito. Esse tipo de materialismo é muitas vezes chamado de materialismo reducionista, pois reduz tudo a uma base física.

Uma vertente filosófica, oposta ao materialismo, é o idealismo. Seus precursores exclamavam que a explicação de toda a realidade estaria fora do mundo natural, ou seja, no espiritual, onde uma força sobrenatural suprema guiaria todas as transformações. Embora alguns sustentassem que esse viés filosófico apenas teria iniciado com René Descartes, no século XVII, foram, em verdade, os pré-socráticos que lançaram seus assentos.

Heráclito de Éfeso, por exemplo, rompeu a tradição de pensamento dos filósofos de Mileto ao concluir que não haveria um elemento substancial, mas sim uma força suprema, o logos divino, que governaria toda a transformação do mundo. A essência não poderia ser uma matéria porque o universo está em constante mudança. Para explicar sua teoria, ele deu o conhecido exemplo de que ninguém poderia ser banhar duas vezes no mesmo rio, uma vez que as águas são constantemente substituídas por novas, diversas daquelas em que a pessoa se banhou.

Platão também era idealista. Em seus estudos, combinou a análise do natural com reflexões de natureza moral para estabelecer que deveria existir um mundo totalmente ideal, separado e diverso do concreto, uma espécie de “forma ideal” das coisas. Esse mundo não seria perceptível pelos sentidos, mas sim pela nossa razão, uma vez que tudo que nele existe seria uma mera projeção imperfeita da realidade metafísica. Foi assim que nasceu o “Mito da Caverna”, por ele descrito no livro “A República”.

O empirismo e o racionalismo dos séculos XVII e XVIII, que dominaram os estudos dos filósofos da época, foram, na verdade, meras releituras do

materialismo e do idealismo.⁷⁸

7 Nos séculos XVII e XVIII, o aprimoramento dos princípios renascentistas e o nascimento da ciência moderna trouxeram à humanidade o desejo de procurar explicações detalhadas sobre todos os aspectos da vida humana e da natureza. Houve início, então, a um processo de reflexão sobre o que poderia ser conhecido e sobre como poderíamos obter esse conhecimento: essa linha investigativa filosófica é denominada de epistemologia. Os empiristas — do grego “*empeiria*”, experiência — sustentavam que o conhecimento deriva somente da experiência concreta. Os racionalistas, por sua vez, afirmavam que o conhecimento também poderia ser adquirido por meio da reflexão — da razão — independente de qualquer experiência sensorial. O empirismo está intimamente ligado ao materialismo, por lecionar que o conhecimento depende da percepção da matéria, por meio dos sentidos, e apenas assim. Não há nada fora da natureza, não há Deus, não há nem mesmo ideias desvinculadas das sensações. Já os idealistas entendiam que havia uma preconcepção mental humana, independente da experiência sensorial, provavelmente provinda de uma força sobrenatural suprema, que nos permitia alcançar conhecimento, o que os liga profundamente ao idealismo. Foram expoentes do empirismo os britânicos Francis Bacon (nascido em Londres, desenvolveu um método de experimentação prática que deu origem ao “Método Científico”), John Locke (que afastava a possibilidade de o ser humano ter qualquer tipo de conhecimento: ao nascer todo homem é absolutamente vazio, sem qualquer informação pré-registrada, com apenas uma potencialidade de obtenção de conhecimento, que virá através das experiências obtidas ao longo da vida) e David Hume (escocês, foi uma das figuras geniais da história da humanidade: entrou na Universidade de Edimburgo com apenas dois anos de idade e, com seu “Tratado da Natureza Humana”, recusou a existência de ideias inatas afirmando que nós temos dois tipos de conteúdos mentais, as “percepções diretas”, por ele chamadas de sensações, paixões ou emoções, e as “ideias”, ou seja, os pensamentos, reflexões e imaginação; algumas de nossas “ideias” não são sustentadas por nossas “percepções”, ou seja, há dois juízos mentais, os “demonstrativos”, que são autoevidentes e não dependem de constatação perceptiva, como os raciocínios matemáticos, da lógica e o dedutivo, e os “prováveis”, que não são evidentes em si, por envolverem questões empíricas de fato, e por isso demandam uma constatação pela percepção). De outro lado, foram ícones do racionalismo René Descartes (sustentava que os nossos sentidos não são confiáveis e, por isso, não podem ser tidos como o único caminho possível para a obtenção do conhecimento: as ilusões de ótica são provas disso; ademais, há verdades que podem ser perfeitamente adquiridas e compreendidas sem qualquer uso da razão, como as máximas da matemática) e Gottfried Leibniz (dizia que o conhecimento somente poderia ser obtido pela reflexão racional, porém não afastava a possibilidade de obtenção de conhecimento pelos sentidos, assim como alegava Descartes, especialmente por causa das deficiências que o homem possui em sua razão; com essas premissas, ele classificou dois tipos de verdades: as “verdades da razão” e as “verdades de fato”; ele ainda arquitetou a tese de que tudo no Universo é composto por substâncias simples chamadas “mônadas” que carregam em si, individualmente, uma completa representação de todo o Universo: como toda mente humana é uma dentre milhões de mônadas, e como cada mônada traz em si a representação plena do universo, é possível para cada pessoa, em princípio, investigar o conteúdo do Universo apenas explorando a sua própria mente; essa é a forma de alcançar as “verdades da razão”; em sentido oposto, porém, como há um número limitado de “verdades da razão”, é imprescindível que as sensações sejam o norte para a obtenção de outras partes do conhecimento, as “verdades de fato”) e o holandês Bento de Spinoza.

8 “A grande questão fundamental de toda a filosofia, especialmente da moderna, é a da relação entre pensar e ser. Desde os tempos muito remotos, em que os homens, ainda em total ignorância acerca da sua própria conformação corporal e incitados por aparições em sonho, chegaram à representação de que o seu pensar e sentir não seriam uma atividade do seu corpo, mas de uma alma particular, habitando nesse corpo e abandonando-o com a morte — desde esses tempos, tinham de ter pensamentos acerca da relação dessa alma com o mundo exterior. Se, na morte, ela [alma] se separava do corpo [e] continuava a viver, não havia nenhum motivo para lhe emprestar ainda uma morte particular; surgiu, assim, a ideia da sua imortalidade que, naquele estágio de desenvolvimento de modo nenhum aparece como uma consolação, mas como um destino [Schicksal] contra o qual nada se pode, e, bastante frequentemente, como entre os Gregos, como uma positiva infelicidade. Não foi a necessidade religiosa de consolação, mas o embaraço proveniente da estreiteza igualmente geral [de vistas] acerca do que fazer com a alma — uma vez admitida [esta] — depois da morte do corpo, que levou, de um modo geral, à fastidiosa imaginação da imortalidade pessoal. Por uma via totalmente semelhante, surgiram, através da personificação dos poderes da Natureza, os primeiros deuses que, na ulterior elaboração das religiões, tomam cada vez mais uma figura extramundana, até, finalmente, por um processo, que ocorre naturalmente no curso do desenvolvimento espiritual, de abstração — eu quase diria, de destilação — surgir na cabeça dos homens, a partir dos muitos deuses mais ou menos limitados e limitando-se reciprocamente, a representação de um único e exclusivo deus das religiões monoteístas. A questão da relação do pensar com o ser, do espírito com a Natureza — a questão suprema da filosofia no seu conjunto —, tem, portanto, não menos do que todas as religiões, a sua raiz nas representações tacanhas e ignorantes do estado de selvajaria. Mas, ela só podia ser posta na sua plena agudeza, só podia alcançar toda a sua significação, quando a humanidade europeia acordasse da longa hibernação da Idade Média cristã. A questão da posição